

ALÉM DOS LIMITES IMPOSTOS PELA CULTURA E PELOS PRECONCEITOS: Pistas para uma releitura da Carta a Filêmon, Ápia e Arquipo na perspectiva das masculinidades

Daniel Sánchez Pereira

1. Ficando nus perante nós mesmos

“Procuro despir-me do que aprendi,
procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram
e raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
mais um animal humano que a natureza produziu”.
(Fernando Pessoa, *Ficções do interlúdio*)

Superar os limites estabelecidos e impostos constitui de modo algum uma tarefa fácil, bem o sabemos. Porém, antes mesmo de romper estes limites que nos vêm de fora, parece-nos necessário despir-nos das próprias amarras que impusemos ao nosso corpo no momento em que assumimos o discurso e a prática daqueles que nos oprimem.

Despindo-nos dos preconceitos que amarram e que se manifestam em nós na forma de disfarces culturais e religiosos, vamos expondo aquilo que somos essencialmente, a saber: corpo. Somos corpo e carregamos em nós idéias, palavras e sensações; corpos capazes de olhar, sentir e maravilhar-se. Por isso afirmamos que não há outro modo de nos aproximar do texto bíblico senão mediante nosso corpo.

Cientes deste desafio, queremos apontar ao longo destas linhas algumas pistas para uma releitura da Carta a Filêmon, Ápia e Arquipo, na perspectiva das masculinidades. Dialogamos com o texto e com as pessoas, deixando-nos conduzir por este balanço das palavras e dos corpos, neste espaço onde os limites se diluem, os papéis se confundem e a vida se dignifica.

Assim temos a ousadia de sonhar junto com outros homens e com as mulheres; sonhamos de olhos abertos, de mãos dadas e de pés no chão da realidade. Por isso, nosso sonho é uma semente que gera relações inclusivas, resgata a dignidade, celebra a vida.

2. Palavras e corpos: uma proposta também nada fácil

Palavras têm força, têm magia... têm a vitalidade de gerar aquilo que dizem. Por isso, quando nos deparamos com certos textos, ficamos arrepiados com o que ouvimos

e vemos... Mas há outros que nos encantam e fascinam. Estes textos nos deixam maravilhados, enchem nosso sorriso e nosso olhar de lágrimas.

Vamos ao encontro da Carta a Filêmon, Ápia e Arquipo como quem ficou fascinado e, ao mesmo tempo, sentiu uma certa inquietação. Inquietação que nasce do encontro com três versículos diferentes, começando pelo v. 10: “peço-te em favor de meu filho que gerei entre algemas, Onésimo”. A estas palavras somam-se as do v. 16: “não mais como escravo, mas muito acima de um escravo, como irmão amadíssimo”. E, finalmente, o versículo 21, com uma proposta não muito óbvia nem muito fácil: “certo da obediência tua, escrevo-te, sabendo que muito mais do que peço farás”.

Ao ler estas palavras, perguntamos: Em que medida fazer *muito mais* do que é pedido representaria um convite/desafio a romper com os padrões estabelecidos? De que modo este pedido se relaciona com a questão das masculinidades?

Chama a nossa atenção o jogo das palavras, o modo como se aproximam e se distanciam umas das outras, formando quadros harmoniosos e contrastantes: liberdade de ordenar – pedir por amor (v. 8-9); antes inútil – agora útil (v. 11); escravo – irmão (v. 12), por um tempo – para sempre.

As palavras abrem espaço para os *corpos*. Estes ganham nome, fisionomia concreta. Assim distinguimos, inicialmente, dois grupos de pessoas: o primeiro delas, composto por quem remete a carta e as demais pessoas que estão juntas: Paulo e Timóteo (v. 1), Epafras (v. 23), Marcos, Aristarco, Demas e Lucas (v. 24); o segundo grupo, das pessoas às quais a carta se destina, composto por Filêmon (v. 1), Ápia, Arquipo e a Igreja (personificação das pessoas que faziam parte da comunidade) (v. 2). No meio destas pessoas e da Igreja encontramos Onésimo, o motivo pelo qual a carta é escrita (v. 10).

O modo como estas pessoas são designadas deixa transparecer alguns traços da estrutura social e comunitária. Fala-se em: prisioneiros (v. 1.23), irmão/irmã, (v. 1.2.6), escravo (v. 16), companheiros/colaboradores (v. 1.2.17.24).

Cabe ainda destacar um outro conjunto de pessoas muito próximas: Paulo, Filêmon ou Arquipo¹, e Onésimo. Em seguida apresentaremos, de maneira detalhada, um conjunto de passagens que corroborariam esta idéia:

- *Paulo em relação a Filêmon (ou Arquipo)*: ao amado (v. 1); ciente do teu amor (v. 5); grande alegria e conforto no teu amor (v. 7); solicitar em nome do amor (v. 9); se me consideras por companheiro (v. 17) reanima-me o coração (v. 20);
- *Paulo em relação a Onésimo*: meu filho que gerei entre algemas (v. 10); o meu próprio coração (v. 12);
- *Sobre a relação Onésimo/Filêmon*: antes inútil [...] agora útil (v. 11); não como escravo [...] como irmão caríssimo (v. 14);²

1. A referência a Arquipo fundamenta-se na dificuldade que temos em definir a quem se destina a expressão final do v. 2 da carta.

2. O texto original grego, na edição de Nestle-Aland, usa a expressão *agapetón* que poderia ser traduzida melhor por “muito amado” ou “amadíssimo”, do que por “caríssimo”.

- *Onésimo, Paulo e Filêmon*: inútil – útil [...] a ti e a mim (v. 11); conservá-lo comigo [...] em teu lugar (v. 13); nada [...] sem teu consentimento (v. 14); irmão amado [...] especialmente de mim e, com maior razão, de ti, quer na carne quer no Senhor (v. 16).

Percebemos ainda que *sentimentos* de ternura e afeto estão à flor da pele: amado (v. 2), ciente do teu amor (v. 5), comunhão (v. 6), alegria e conforto em teu amor (v. 7), solicitar em nome do amor (v. 9), meu filho (v. 10), gerei (v. 10), meu próprio coração (v. 12), bondade (v. 14), irmão amadíssimo (v. 16), consolo (v. 20).

Palavras, corpos e sentimentos misturam-se e dão origem àquilo que chamamos de *linguagem do corpo*. Esta suscita em nós diversos questionamentos, entre os quais destacamos os seguintes: O texto da carta, a princípio, parece permitir ouvir somente a palavra de Paulo (e de Timóteo). Como dar voz às diferentes personagens presentes nesta carta? Como pensar as relações interpessoais, num contexto de opressão e discriminação? Qual o alcance real desta linguagem do corpo?

3. Passando da dominação ao amor

A partir das questões suscitadas olhamos para o contexto do Império Romano, já que é no seio dele que a Carta a Filêmon, Ápia e Arquipo faz sua irrupção. Aqui nos deparamos com uma sociedade profundamente estratificada na qual as relações interpessoais se encontram divididas em dois âmbitos, público e privado, e onde a autoridade é exercida pelo homem³. No âmbito privado, ele é designado como *pater familias*, e todas as pessoas sob sua autoridade (mulheres, crianças e escravos/as) devem segui-lo nas suas mais diferentes opções⁴.

A isto devemos acrescentar que a idéia de masculinidade não se aplicava de igual maneira a todos os indivíduos, “[...] porque a masculinidade foi, acima de tudo, identificada com a dominação social e política; não existia o pressuposto de que todos os homens devessem ser masculinos”⁵. Neste contexto podemos afirmar que: a) a masculinidade sempre foi vista como objeto de percepção, requerendo constante prática e vigilância, mesmo que representada como inata; b) o homem nunca devia ceder o poder ou o controle a outras pessoas, sejam estas escravos/as ou mulheres; c) a dominação sexual, mediante a penetração, foi um dos símbolos que representava a dominação e o poder dos homens da elite sobre os grupos a eles submissos⁶.

Confrontando esta realidade com a Carta a Filêmon, Ápia e Arquipo, percebemos que o caráter de inovação e ruptura não reside no mero uso de uma linguagem do

3. Entenda-se aqui: homem livre – aquele que, basicamente, não precisava trabalhar, gozava de uma posição econômica privilegiada e era dono de escravos/as.

4. Ascough, Richard S. *The Formation of Pauline Churches?*, em *What Are They Saying About*. New York/Mahwah: Paulist Press, 1998, p. 5-7. A respeito do conceito de *pater familias*, cf. Gardner, Jane F. *Imperfect men in Roman law*, em Foxhall, Lin e Salmo, John, *When Men Were Men*. London/New York: Routledge, 1988, p. 141.

5. Larson, Jennifer. *Paul’s Masculinity*, em *Journal of Biblical Literature*. Atlanta: The Society of Biblical Literature, vol. 23, 2004, p. 86.

6. Cf. Larson, Jennifer. *Paul’s Masculinity*, p. 86-93.

corpo. Antes, é o modo de como esta linguagem é usada que constitui o fator de inovação: não mais para fomentar a discriminação, mas construindo e alicerçando estruturas fraternas, de solidariedade e resgate da dignidade humana.

Assim, no momento em que Paulo designa a si mesmo como *prisioneiro* (v. 1.10.22), ele se coloca no lugar daqueles que são considerados “não-homens”. Isto o coloca lado a lado com Onésimo. Paulo compartilha com ele a falta de liberdade, o desprezo e a discriminação. Situações e atitudes como estas devem ter despertado em ambos um sentimento de solidariedade, e mais que isso: de afeição, de amor.

Com isto explicamos apenas parcialmente o uso da *linguagem do corpo*, considerando que a carta não é dirigida a Onésimo, senão a Filêmon, Ápia e Arquipo (cf. v. 1-2). Assim, ampliando nosso horizonte de reflexão, olhamos para um dos modos de organização no qual as comunidades paulinas possivelmente se espelharam. Referimo-nos às associações voluntárias que podem ser entendidas como “um grupo ao qual um homem [ou uma mulher] se junta por livre vontade e que o/a aceita por livre vontade, sendo que esta aceitação mútua cria determinadas obrigações de ambas as partes” (Roberts, Skeat, Nock 1936: 75)⁷.

Se as comunidades cristãs seguissem o modelo das associações voluntárias, teríamos aqui não somente uma explicação para o uso da *linguagem do corpo*, mas uma alternativa concreta para o ideal de masculinidade em vigor no Império Romano. Uma alternativa baseada na igualdade entre as pessoas, e não mais na hierarquia. Um espaço onde senhores, escravos e mulheres podem reconhecer-se como irmãos e irmãs. Começamos também a vislumbrar alternativas para entender a presença de Ápia não mais como esposa de Filêmon (como tradicionalmente foi interpretada), mas como liderança no seio da comunidade⁸, capaz de agir como agente de transformação, contribuindo de maneira especial com uma plena aceitação e libertação de Onésimo.

4. Relações recriadas ontem e hoje

Ao longo destas páginas procuramos olhar, na perspectiva bíblica, para a questão das masculinidades. Trata-se de uma questão que suscita um certo incômodo naqueles que tradicionalmente tem concentrado em suas mãos o controle do saber, daquilo que é cientificamente importante, politicamente correto, eclesialmente sagrado. Afinal, como diz Bourdieu:

“A dominação masculina encontra-se suficientemente assegurada para precisar de justificação: ela pode se contentar em ser e em dizer as práticas e discursos que enunciam o ser como se fosse uma evidência, concorrendo assim para fazê-lo um ser de acordo com o dizer”⁹.

7. Ascough, Richard S. *The Formation of Pauline Churches?*, p. 74; veja também Roberts, Skeat, Nock 1936:75.

8. Cf. Pertuz Guette, Maribel, em Foxhall, Lin e Salmo, John. *When Men Were Men*. London/New York: Routledge, 1988, p. 40.

9. Bourdieu, Pierre. A dominação masculina, em *Educação e realidade*, vol. 20, 1995, p. 137.

Somos cientes de que, no decorrer da história, a Bíblia serviu, e ainda serve, em grande medida, como instrumento que legitima o *status quo*. No mínimo isso, e muitas vezes ela até gera novas estruturas de dominação, opressão e discriminação, a partir de conceitos declarados *sagrados*. Deste modo, nos defrontamos com uma realidade dura: o espaço das igrejas, pregadoras da palavra, tornou-se um espaço vazio, de silêncio e de exclusão. Isto vale para questões de ordem mais geral, mas, especialmente no que diz respeito às relações de gênero.

No entanto, o olhar que lançamos sobre a Carta a Filêmon, Ápia e Arquipo quis apontar algumas alternativas, evidenciar que, mesmo em contextos extremamente adversos, podemos construir relações inclusivas, fraternas e amorosas. Unimos teoria e prática, corpo e alma, razão e sensação...

Assim, propondo no momento presente ir além dos limites, queremos apontar para a possibilidade e a necessidade de ruptura com o modelo hétero-normativo, vigente em nossa sociedade.

Para isso é preciso falar com, e a partir de, nossos corpos, cientes das nossas parcialidades, das nossas contradições, mas também, das nossas potencialidades, dos nossos dons. Corpos rebeldes que não se submetem às regras, mas as transgridem; corpos que se mexem e balançam na leveza do vento, ao compasso da música ou no êxtase da paixão.

Ousamos incomodar porque queremos mudança, *porque todo prazer quer eternidade*, porque queremos acordar cada manhã com um sorriso de menino travesso, com um brilho nos olhos, e não ter medo de andarmos de mãos dadas, de nos beijarmos nas esquinas e de dançarmos nos embalos da noite do sábado. Ousamos incomodar e contestar a hétero-normatividade, porque muito mais incômodo e sofrido que isso é tentar justificar uma estrutura dentro da qual não se tem espaço.

Daniel Sánchez Pereira
caixa postal 14
93121-970 São Leopoldo, RS